

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE PEDAGOGIA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR: UMA
REFLEXÃO A PARTIR DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA**

MANAUS-AM
2022

ELANE REGINA FERREIRA SILVA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR: UMA
REFLEXÃO A PARTIR DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA**

Monografia apresentada a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito à conclusão do Curso e elaborado sob orientação do Prof. Doutor Raimundo Sidnei dos Santos Campos.

Manaus, 27 de outubro de 2022.

MANAUS-AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586aa Silva, Elane Regina Ferreira
A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE
HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA / Elane
Regina Ferreira Silva. Manaus : [s.n], 2022.
47 f. : il. ; 21 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.
Inclui bibliografia
Orientador: Raimundo Sidnei dos Santos Campos

1. Pedagogia. 2. Pedagogia Hospitalar. 3. Atuação do
Pedagogo. I. Raimundo Sidnei dos Santos Campos
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A
ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE
HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

TERMO DE APROVAÇÃO

ELANE REGINA FERREIRA SILVA

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA

Monografia apresentada em 27/10/2022, para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos (Orientador)

Universidade do Estado do Amazonas - UEA



Documento assinado digitalmente

gov.br

MARCIO GONCALVES DOS SANTOS

Data: 09/11/2022 18:35:12-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Márcio Gonçalves dos Santos (Avaliador)

Universidade do Estado do Amazonas - UEA



Prof^ª. Dr^ª. Leni Rodrigues Coelho (Avaliadora)

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado em primeiro lugar ao meu amado *Yeshua*, que sempre foi e sempre será meu pai, melhor amigo, e a razão da minha vida.

À minha família pelo total apoio em todos os momentos. Em especial a minha vó Elda e ao meu tio Nildo Sicsú, que mesmo antes do sonho de uma graduação me deram suporte financeiro e emocional para concluir o Ensino Médio, sem vocês não seria possível chegar até aqui.

À minha mãe Cilmara Sicsú, as minhas irmãs Helienna, Dany, Suzy, e ao meu irmão Sidney, amo vocês. Aos meus sobrinhos, que mesmo ainda tão pequenos me preenchem de amor e força para continuar.

Às minhas tias Kátia Sicsú, Cinara Sicsú pelo afeto e a amizade incondicional, e a Ciane Sicsú por ser minha mãe do coração e amiga. Ao meu avô Irineu, meu tio Irineu Filho, e as minhas primas Larissa, Lidiane, e Leticia Campos, obrigada por tanto.

À Universidade do Estado do Amazonas por todas as oportunidades acadêmicas e profissionais, e, sobretudo por todos os amigos que me deu. À Bruna Braga, Maria Júlia, Bel, Rafaela Barros, Elen Caroline, Kamila Fabris e Lucas Silva, e demais colegas, todos vocês me ensinaram algo e em algum momento foram meu ponto de paz.

Ao colegiado do Curso de Pedagogia, em especial a Profa. Dra. Kelly Christiane, a quem devo eterna gratidão por ter sido o ser um ser humano mais empático, solícito e competente que tive a honra de conhecer durante a graduação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Raimundo Sidnei por todo apoio e por acreditar mais em mim do que eu mesma, não tenho palavras que externem toda minha gratidão.

Me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente.

(Paulo Freire)

RESUMO

A pedagogia, nos últimos anos, ampliou seu espectro de ações, surgindo além disso, especializações muito diversas dentro da mesma carreira. A Pedagogia Hospitalar não é uma ciência fechada, mas sim multidisciplinar, que ainda está definindo seu objeto de estudo para responder àquelas situações que, na conjunção da saúde e da educação e com uma sociedade exigente, torna-se necessária. O objetivo geral do presente trabalho é compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, tendo em vista a importância deste profissional no atendimento educacional de crianças e adolescentes em tratamento de saúde. Assim, delinear-se os seguintes objetivos específicos: (a) estudar a Pedagogia como ciência e o papel do pedagogo; (b) conhecer a Pedagogia Hospitalar mediante aspectos históricos e marcos legais; e (c) identificar a importância do trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar. Este trabalho se constitui numa revisão bibliográfica narrativa, a qual busca diferentes concepções de teóricos acerca do tema estudado, com a finalidade de delinear uma compreensão sobre o objeto de estudo. Os resultados obtidos indicaram que há um aumento da conscientização sobre a necessidade de atenção especial à questão da hospitalização infantil. A finalidade de tal cuidado, em última análise, não será outra se não a de educar para a vida, papel que cabe ao educador e que, sem dúvida, vai além do trabalho específico dos profissionais de saúde. A atividade educativa como complemento da ação médica em hospitais vem se consolidando há anos em diversos países europeus e norte-americanos. Da mesma forma, há cada vez mais iniciativas seguidas por alguns países da América Latina, em especial, o Brasil.

Palavras-chave: Pedagogia; Pedagogia Hospitalar; Atuação do Pedagogo.

ABSTRACT

Pedagogy, in recent years, has expanded its spectrum of actions, with the emergence of very diverse specializations within the same career. Hospital Pedagogy is not a closed science, but a multidisciplinary one, which is still defining its object of study to respond to those situations that, in conjunction with health and education and with a demanding society, become necessary. The general objective of the present work is to understand the performance of the pedagogue in the hospital environment, considering the importance of this professional in the educational assistance of children and adolescents undergoing health treatment. Thus, the following specific objectives were outlined: (a) to study Pedagogy as a science and the role of the pedagogue; (b) get to know Hospital Pedagogy through historical aspects and legal frameworks; and (c) identify the importance of the pedagogue's work in the hospital environment. This work constitutes a narrative bibliographic review, which seeks different conceptions of theorists about the subject studied, with the purpose of outlining an understanding of the object of study. The results obtained indicated that there is an increase in awareness about the need for special attention to the issue of child hospitalization. The purpose of such care, ultimately, will be none other than that of educating for life, a role that falls to the educator and that undoubtedly goes beyond the specific work of health professionals. Educational activity as a complement to medical action in hospitals has been consolidated for years in several European and North American countries. Likewise, there are more and more initiatives followed by some countries in Latin America, especially Brazil.

Keywords: Pedagogy; Hospital Pedagogy; Pedagogue's performance.

LISTA DE SIGLAS

C.N.E.F.E.I - Centro Nacional de Estudos e de Formação para as Infâncias Inadaptadas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente

LDB - Leis Diretrizes e Bases

PH – Pedagogia Hospitalar

PNEE - Plano Nacional de Educação Especial

SciELO - Scientific Electronic Library Online

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – PEDAGOGIA, FORMAÇÃO E TRABALHO DO PEDAGOGO	15
1.1 PEDAGOGIA ENQUANTO CIÊNCIA	15
1.2 A PEDAGOGIA E SUA IMPORTÂNCIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO	17
1.3 FORMAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A)	19
1.4 A PEDAGOGIA NA ATUALIDADE	22
1.5 A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO DO(A) PEDAGOGO(A)	25
CAPÍTULO II – A PEDAGOGIA HOSPITALAR E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO	27
2.1 HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR	27
2.2 ASPECTOS LEGAIS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL EM AMBIENTE HOSPITALAR	30
2.3 TEORIAS ADOTADAS NA PEDAGOGIA HOSPITALAR	32
2.3.1 Teorias sobre o Desenvolvimento do Conhecimento	32
2.3.2 A Teoria das Situações Didáticas de Brousseau	35
2.4 POTENCIALIDADES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	37
2.4.1 Terapia narrativa	37
2.4.2 Arte terapia	38
2.5 O TRABALHO DO/A PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discorre sobre a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, que constitui uma forma especial de entender a Pedagogia. O ambiente hospitalar é orientado e configurado pelo fato incontestável da doença e enquadrado pelo ambiente específico que constitui a instituição hospitalar onde é realizado.

A Pedagogia Hospitalar oferece-se como Pedagogia vitalizada, da vida e para a vida, que constitui uma comunicação experiencial constante entre a vida do educando e a vida do educador, e aproveita qualquer situação, por mais dolorosa que pareça, para enriquecer aqueles que sofrem com isso, transformando seu sofrimento em aprendizado.

A pedagogia tem por objeto o estudo das leis da educação do homem em sociedade, concentra sua atenção no estudo da educação e o processo como um todo, especialmente organizado, atividade de pedagogos e alunos, de quem ensina e de quem aprende, estuda os objetivos, conteúdos, meios e métodos da atividade educativa e a natureza das mudanças que o homem sofre no curso da educação.

A inclusão do Pedagogo em diferentes áreas de atuação no setor público e privado indica que o mundo do trabalho está cada vez mais abrindo as portas para este profissional, que vai muito além das esferas da educação e do exercício da docência.

A escolarização no ambiente hospitalar demanda a inserção deste profissional, pois trata de crianças com problemas de saúde, afinal crianças com necessidades educacionais especiais. No entanto, não se pode considerar como tarefa primordial e exclusiva da Pedagogia Hospitalar apenas o cuidado à criança hospitalizada e sua família. O propósito da Pedagogia Hospitalar vai além, abrangendo um panorama muito mais amplo dentro do qual a escolarização é mais um elemento, entre tantos outros, que fazem parte da evolução e aperfeiçoamento global do ser humano.

A Pedagogia Hospitalar não pode ser confundida com recreação com crianças ou sujeitos hospitalizados. É um campo do conhecimento que está para além das ciências médicas e para além das ciências da educação, onde a dignidade e a solidariedade da criança doente hospitalizada e do seu contexto familiar o exigem,

tem mais a ver com a saúde e com a vida do que com instrução e formação: sem renunciar aos conteúdos da educação, vai além dela.

Estudos de Mattos e Mugiatti, (2009) mostram que no campo da saúde, o atendimento educacional e psicológico de crianças hospitalizadas e suas famílias no hospital revela novos aspectos das competências humanas e profissionais, que abrem um panorama para a reflexão teórica prática no âmbito da Pedagogia Hospitalar. Entre outros pode-se citar: o papel da relação de ajuda e como é necessário enfrentar o impacto que o pedagogo recebe ao entrar em contato com crianças no hospital; o alcance e os limites dos objetivos da “escola formal” e as formas de interação educador-família; atenção à diversidade de pacientes infantis, tanto culturais quanto decorrentes da doença e da hospitalização; o envolvimento do pedagogo com contextos extracurriculares relacionados à família e redes de apoio à criança.

De fato, educar e ajudar crianças doentes é um desafio para os pedagogos, isso se deve ao fato de que a situação pela qual uma criança hospitalizada está passando é carregada de fatores negativos de todos os tipos. Por um lado, aquelas que derivam da mesma situação de hospitalização, o que leva a uma ruptura com os ambientes e círculos que cercam toda criança: familiar, escolar e social. Junto com isso, a entrada repentina em um centro médico onde a criança se encontra subitamente em um ambiente que não conhece e que, em geral, a aterroriza. Por outro lado, aqueles que derivam da circunstância anômala da própria doença, como sofrimento, medos, depressão, tristeza, desesperança ou tédio.

Diante da temática e contextualização apresentadas, e tendo em vista, conhecimentos sobre os campos de atuação do pedagogo, esta pesquisa busca responder a seguinte problemática: como atua o pedagogo no ambiente hospitalar?

Para melhor direcionamento do estudo e a partir do problema de pesquisa elaborado formularam-se as seguintes questões norteadoras: (a) em que consiste a pedagogia hospitalar? (b) quais as contribuições da pedagogia hospitalar na relação educação e saúde?(c) qual é o papel do pedagogo e das práticas educativas desenvolvidas no ambiente hospitalar?

O objetivo geral é compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. Assim, delinear-se os seguintes objetivos específicos: (a) estudar a pedagogia como ciência e o papel do pedagogo; (b) conhecer a Pedagogia Hospitalar mediante aspectos históricos e marcos legais; e (c) identificar a importância do trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de apresentar uma temática que para além de reflexões, ofereça a oportunidade de ampliação de discussões acerca do estudo proposto, considerando a escassez de fontes que abordam a Pedagogia Hospitalar, a ação do profissional pedagogo no âmbito hospitalar e suas especificidades.

O interesse pelo presente estudo surgiu após a leitura do livro 'Pedagogia Hospitalar: Formação, Reflexão, Ação'¹. A obra possibilitou uma compressão sobre certos aspectos do ambiente hospitalar, bem como o desenvolvimento e as propostas da pedagogia dentro dos hospitais; com destaque a importância do Pedagogo enquanto agente transformador desse ambiente.

Ao pensar em Hospital não é difícil associá-lo a um ambiente de cores neutras, inquietações, dores, e até morte, porém, esse ambiente não se resume a isso, sob outra ótica, o Hospital pode ser visto como um local que oportuniza alívio, cura e recomeços.

Segundo Campos e Paiva (2021), saúde e educação são campos constituídos de especificidades e complexidades. São campos conectados por teorias, saberes e práticas que decorrem do acúmulo de conhecimentos técnico-científicos e de experiências que podem emergir da compreensão de diferentes sujeitos inseridos em suas realidades socioculturais.

A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa, a partir do uso da pesquisa bibliográfica, que se deu especialmente em razão do quadro de pandemia² em que se encontra o país e, neste caso, não expor os pesquisadores aos riscos desnecessários. Para Nascimento (2018), é um dos métodos mais usados para descobrir uma hipótese. Há uma quantidade enorme de informações disponíveis em bibliotecas, fontes online ou mesmo bancos de dados. As fontes podem ser revistas científicas, livros de bibliotecas, artigos relacionados a tópicos específicos publicados nas bases de dados, teses, dissertações e assim por diante.

¹ Kelly Souza, Emerson Saraiva, Cinara Cardoso (Org). Manaus: Uninorte, 2006.

² A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e, por conseguinte, uma pandemia.

Este trabalho se constitui numa revisão bibliográfica narrativa, a qual busca diferentes concepções de teóricos e estudiosos acerca do tema estudado, com a finalidade de delinear uma compreensão sobre o objeto de estudo.

A “revisão narrativa” não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (UNESP, 2015).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Utilizou-se também, para enriquecer a pesquisa, uma análise documental de fundamentos da Pedagogia Hospitalar nos marcos legais no contexto brasileiro.

A investigação do assunto estudado partiu de descritores (indícios), tendo sido consultada livremente e de maneira flexível as bases de dados da *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Google Acadêmico (*Google Scholar*), como fontes de dados de pesquisa. Também foram estudados livros e capítulos de livros, artigos científicos de periódicos e publicações de eventos científicos da área de educação. Assim, procedeu-se a leitura, fichamentos, sistematização, análise e discussão. A importância da pesquisa documental no ensino universitário reside no fato de que, conhecendo e praticando seus princípios e procedimentos, permite desenvolver as habilidades e atitudes necessárias para construir dados, informações e conhecimentos (GIL, 2019).

Lakatos e Marconi (2015) apontam que a pesquisa documental, como parte essencial de um processo de pesquisa científica, pode ser definida como uma estratégia em que as realidades teóricas e empíricas são sistematicamente observadas e refletidas, usando diferentes tipos de documentos onde dados e

informações sobre um assunto são investigados, interpretados e apresentado tópico específico de qualquer ciência, utilizando para isso métodos e instrumentos cuja finalidade seja a obtenção de resultados que possam servir de base para o desenvolvimento da criação científica.

Nascimento (2018) sugere que a pesquisa documental tem quatro características:

1. É uma estratégia que atende a um propósito bem definido: a construção de novos conhecimentos, ou seja, através do trabalho realizado, a investigação dos documentos devem buscar gerar novos conhecimentos, e isso se faz por meio das conclusões e os resultados investigados e analisados em cada documento, a conexão dos documentos permitem estabelecer falhas e deficiências em cada obra, que as unem e tudo permite estabelecer uma melhor resposta ao que este trabalho procura investigar.
2. É uma técnica que consiste em revisar o que foi escrito e publicado sobre o tema ou área de pesquisa. Para isso, a seleção do período de tempo que contempla dez anos de trabalho no contexto das salas de aula hospitalares, o trabalho do pedagogo dentro dele, as estratégias e metodologias realizadas pelo pedagogo para contribuir para o processo de ensino, acompanhando as famílias e equipe hospitalar como suporte para alcançar um melhor resultado.
3. É um procedimento rigoroso que se formula logicamente e que implica a análise crítica de informações relevantes, documentação escrita e seu conteúdo. Uma categoria que se cumpre já que se coleciona as obras há vários meses, foi um trabalho árduo e seleção para encontrar informações relevantes a serem encontradas descritos e que contribuirão para o propósito deste trabalho.
4. É uma atividade científica cujo processo é a coleta e sistematização dos dados, após isso os enquadra e gera uma nova construção, isso sob uma metodologia e princípios específicos e estabelecidos, que para este trabalho seriam as fases e resultados das categorias analisadas.

O trabalho está organizado em dois capítulos, com as devidas fundamentações, análises e discussões.

O capítulo I trata da pedagogia, formação e trabalho do pedagogo, elencando aspectos conceituais acerca da pedagogia e sua importância como ciência.

O capítulo II aborda a compreensão da pedagogia hospitalar e atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, destacando aspectos legais do atendimento

educacional em ambiente hospitalar, as práticas pedagógicas e as teorias que cercam essa atuação.

A pedagogia hospitalar é um campo de atuação que amplia a compreensão da pedagogia como ciência da educação, o contexto em que qualquer aprendizagem em que se exerce a função educativa não é algo trivial. O fato de ensinar determinado conteúdo no contexto hospitalar, tanto pelo conteúdo em si quanto pela forma como é ensinado, faz com que a Pedagogia resultante, a Pedagogia Hospitalar, cumpra uma função central e espinhal de toda uma experiência de ensino que tem um alcance próprio e um significado específico, muito diferente e diverso de qualquer outra tarefa pedagógica.

CAPÍTULO I – PEDAGOGIA, FORMAÇÃO E TRABALHO DO PEDAGOGO

A pedagogia se desenvolveu historicamente como uma ciência da teoria e prática da educação, com um progresso da ciência pedagógica sendo, basicamente, o de toda relação humana, ou seja, produto de uma dialética entre auto-organização (inovação) e adaptação (trabalho), mas com um vínculo muito forte em seu contexto, com humanização da educação, que é uma interpretação da síntese da complexidade pedagógica.

A pedagogia deve ser claramente humanista e sua qualidade ética deve ser considerada como eixo fundamental de informação e formação, exigindo sua formação pedagógica e didática, que assume plenamente a concepção de autonomia com plena responsabilidade institucional e consciência moral da profissão que exerce com dignidade.

1.1 PEDAGOGIA ENQUANTO CIÊNCIA

Para traçar a história da pedagogia, é importante primeiro definir o próprio conceito de “pedagogia”, cujo significado sofreu inúmeras iterações ao longo dos séculos. O conceito sempre esteve associado à história do desenvolvimento do pensamento, das instituições instrucionais e do avanço do conhecimento, nas quais pensadores – educadores – sempre confiaram.

Segundo Tinée (2012), desde o início, a educação recebeu o status de arte – a arte de ensinar, de levar as crianças ao conhecimento. Esse conceito lembra que a profissão de educador surgiu pela primeira vez na Grécia Antiga. Naquela época, o papel de educador era desempenhado pelos escravos, que tinham a nobre tarefa de levar os filhos do senhor para a escola, cuidar de sua aparência física e acompanhá-los em seus afazeres e brincadeiras. O pai fundador da educação é amplamente considerado Sócrates (século V a.C).

No final do século XIX, o desenvolvimento de campos científicos como a sociologia e a psicologia é acompanhado pelo surgimento da pedagogia como ciência aplicada, passa a ser vista como uma verdadeira ciência. A pedagogia passa a ser tratada como ciência com o entendimento de que seu objetivo final, como nos demais casos, não é tanto descrever ou explicar, mas orientar o processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, é um campo da ciência que pode ensinar a ensinar. Não é

por acaso que usa-se o modo subjuntivo, pois a pedagogia – como ciência de ensinar e aprender – não é uma disciplina totalmente formada, deixando espaço para outras ciências da educação, uma ciência plural (RIOS, 2017).

Assim, a história da pedagogia é a história dos pedagogos ou, como disse Jean Houssaye, dos praticantes e teóricos do processo instrucional. Em causa estão os homens e mulheres engajados no processo educativo real, utilizando tanto conceitos teóricos como competências práticas combinadas de forma a obscurecer até que ponto as competências práticas empregadas no processo educativo são mais importantes do que os conceitos teóricos, e vice-versa (RIOS, 2017).

E, como aponta Fabre (2013), esse lado específico da questão muitas vezes permaneceu oculto e desconhecido. Isso foi intencional? Não, mas por alguma razão, muitas vezes tem sido dada preferência ao elemento mais elevado da equação – isto é, ao teórico. Por essa razão, muitos pedagogos foram relegados às fileiras de filósofos, teóricos da educação e pensadores – ou seja, era lugar-comum não se referir a eles como pedagogos. No entanto, em outros casos, as pessoas ignoraram inteiramente o outro aspecto da pedagogia – seu lado teórico, atribuindo aos pedagogos um papel puramente prático. Nesses casos, os pedagogos eram vistos como professores e instrutores. Tal classificação levou em consideração apenas o aspecto prático de sua ocupação, ignorando a teoria por trás do ensino e da instrução.

Hoje, é extremamente importante fornecer uma definição precisa de “pedagogia”. É essencial evitar a sobreposição de ideias, a imprecisão e demonstrar que a educação tem sua própria razão de ser, pois atrás de seu status a batalha continua. Finalmente, é vital estabelecer o lugar que a educação deve ocupar na estrutura atual da ciência moderna. Definir a pedagogia como uma “ciência aplicada” deve ajudar a acalmar a polêmica ao demonstrar que o conhecimento específico adquirido na prática educativa é, na verdade, um conhecimento fundamental. Este conhecimento, no entanto, não pode substituir o conhecimento teórico, científico na disciplina dada, mas pode servir apenas como um complemento. Tanto os fundamentos teóricos quanto as habilidades práticas são essenciais (SOUZA, 2021).

A ciência pedagógica é o estudo dos métodos de ensino e obtenção de uma compreensão sistemática de como a mente humana adquire novas informações. Isso inclui elementos do professor, do aluno e do ambiente geral de aprendizagem que têm um impacto no processo de aprendizagem. Para não ser confundido com o estudo do ensino de disciplinas de ciências em si, a ciência pedagógica é muitas vezes referida

apenas como pedagogia, ou teoria instrucional. O foco da pedagogia está no ensino de crianças em ambientes educacionais formais, mas também pode ser aplicado a adultos, bem como métodos informais de aprendizagem para todas as idades (NUNES, 2014).

As ferramentas de ensino oferecidas aos educadores que trabalham no século XXI estão cada vez mais baseadas em abordagens flexíveis que acomodarão teorias de aprendizagem para o ambiente local em que os professores trabalham. Em contraste, os alunos das universidades que estão se formando em pedagogia ainda estão sendo ensinados a focar sua atenção nos aspectos políticos, sociais e históricos do ambiente de aprendizagem. Isso não acompanha a tendência no mundo do ensino, onde teorias de aprendizagem eficazes para os próprios alunos devem estar em primeiro lugar na lista de prioridades (RIOS, 2017).

1.2 A PEDAGOGIA E SUA IMPORTÂNCIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

Considerado primeiro como uma arte de ensinar, a pedagogia é considerada como uma ciência particular, social ou humana, cujo objeto é a descoberta, a apropriação cognitiva e a aplicação adequada e correta das leis e regularidades que regem e condicionam os processos de aprendizagem, conhecimento, educação e formação. Mas a pedagogia é muito mais uma arte do que uma ciência, ou seja, aceita sugestões e técnicas, mas nunca é dominada mais do que pelo próprio exercício cotidiano, que deve tanto nos casos mais afortunados à intuição (Saviani, 2003). A pedagogia trata em sua essência do conhecimento, no tempo e no espaço, das ações essenciais e necessárias que devem ser realizadas para que tais processos sejam, ao final, eficientes e eficazes, tanto para o educando quanto para o educador. Considera-se, então, nesse sentido, o substrato metodológico da pedagogia, como ciência, é materialista e dialético (culminando em um processo de síntese). É uma parte importante no contexto da concepção sistêmica de ciência. Assim, no seu progresso e aperfeiçoamento, intervêm outros campos que abordam diferentes aspectos da realidade material e social, de forma concatenada e unitária.

Por outro lado, se a ciência é definida como um sistema de conhecimento escrupulosamente testado, verificamos que o conhecimento pedagógico atende a essas condições. Tal conhecimento refere-se ao sistema de relações recíprocas entre os membros da sociedade, que mutuamente se influenciam e realizam o processo de

educação, no qual o objetivo de formar as primeiras gerações (crianças e jovens) no respeito e cumprimento das normas da comunidade e na assimilação dos valores por ela considerados como desejáveis. Para o bom direcionamento dessas relações recíprocas dos membros da comunidade, a pedagogia aponta e classifica os métodos mais adequados, função que nenhuma outra ciência desempenha.

Assim, a pedagogia tem um objeto próprio -educação- não incluído no campo de outra ciência; tem também um método ou uma série de métodos, vindos de outras disciplinas, para abordar a investigação e a realização de seu objeto; e, finalmente, consegue organizar os resultados de sua pesquisa para constituir um sistema unitário de princípios explicativos e modelos -educativos- de natureza geral. Portanto, atende às condições de uma verdadeira ciência independente (LIBÂNEO, 2013; PIMENTA, 2012).

Mas, no desenvolvimento de sua práxis, a pedagogia também leva em consideração as diretrizes que devem ser seguidas, para que no decorrer do processo de ensino seja alcançado o maior grau possível de aprendizagem, com o mínimo esforço e a máxima eficiência, premissas - se quiser - de conhecimentos essenciais que, com base numa relação custo-benefício aceitável de todos os tipos, garantam uma educação e uma formação em correspondência com as necessidades reais da educação: um sujeito plenamente formado e educado.

Da mesma forma, a pedagogia é uma ciência em 'sentido amplo', seu objeto é a educação, “[...] isso nos foi oferecido como tarefa e como realidade humana, individual e social” (Nassif, 2005, p. 52). Isso significa que nenhuma disciplina, em sua particularidade, pode dar conta da pedagogia como tal: nem matemática, sociologia, psicologia etc. E embora a pedagogia tenha contato com as ciências sociais e naturais, ela não pode ser compreendida em uma concepção restrita de ciência.

Por outro lado, Pimenta (2012) considera que à pedagogia nada falta para ser uma ciência sistemática em sentido estrito; pois tem um sistema dotado de unidade, dominado de forma sistemática por um conceito superior: o de educação, e tem sua própria base empírica na pesquisa pedagógica empírica e experimental.

Em suma, que a pedagogia é uma ciência demonstrada por sua própria constituição. Como ciência, ela é formada por seu próprio objeto, por uma parte da totalidade real que não participa do campo das demais ciências. Insiste-se que a pedagogia tem seu objeto peculiar, a educação, que lhe corresponde exclusivamente; com métodos próprios: observação, experimentação, compreensão, interpretação,

etc., da realidade educativa; tendo -além disso- uma unidade e um sistema. Essas concepções nos remetem a uma definição mais abrangente de pedagogia: é uma ciência com princípios humanísticos (é arte, paixão, educabilidade, práxis, pensamento teórico e prático) baseado na ética da convivência e na formação do caráter da pessoa moral, das instituições de ensino.

A pedagogia é uma ciência difícil de quantificar de maneira significativa, pois, como a economia, ainda existem muitas teorias concorrentes sobre o que funciona melhor e o que os dados mostram. Conceitos simples como alfabetização são difíceis de definir. Alfabetização geográfica³ ou alfabetização tecnológica⁴ podem ser apenas termos para a quantidade de conhecimento que um aluno acumulou, ou podem representar habilidades que muitas vezes substituem o conhecimento. Definir os termos sobre os quais as teorias de aprendizagem se baseiam de maneira sistemática é, portanto, necessário antes de vincular dados a eles e antes que seja possível obter conclusões significativas sobre o que realmente funciona no ambiente de aprendizagem.

1.3 FORMAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A)

No movimento pedagógico atual há um cruzamento de doutrinas e sistemas, a multiplicidade de soluções que não vêm do campo exclusivo da educação e da pedagogia, mas de outras áreas que, em princípio, nada têm a ver com isso. Essa preocupação universal com o educativo constitui, justamente, uma das características da pedagogia atual: nem sempre adota uma forma sistemática, nem se integra a uma concepção científica rígida, mas aparece junto com outras reflexões de pensadores que não são pedagogos, no sentido estrito do termo. Isso se deve ao enorme poder expansivo com que a educação se apresenta hoje, filtrando-se em todos os aspectos da vida social e cultural. As consequências da universalização do tema pedagógico têm sido muito frutíferas para a respectiva ciência.

Mas a universalização da reflexão pedagógica aumenta ainda mais a complexidade da pedagogia atual, o número de teorias e sistemas. Essa universalidade educacional significa colocar o *fato* humano (linguístico, racional,

³ Se pauta na construção dos conceitos e habilidades geográficas, numa perspectiva de se respeitar a individualidade cognitiva, as diferenças e o tempo de cada educando.

⁴ consiste em aprender todos os meios e pelos quais nos comunicamos na internet. Além disso, descobrir quais ferramentas são essenciais para fazer isso. Ela é o que abre as portas para o letramento digital.

artístico etc.) acima de seus idiomas; *valorize-o* como um todo antes de começar a destacar suas peculiaridades locais; e sobretudo não excluir ninguém *a priori* do processo educativo que o potencializa e desenvolve (Saviani, 2003). Então, qual é a origem dessa diversidade? Além de ser possível abordar o objeto pedagógico sob vários ângulos, há uma causa mais profunda: a natureza de nosso tempo, seus conflitos e crises, seus ideais interdisciplinares renovadores. Isso significa que a pedagogia como disciplina é, justamente, o instrumento de qualidade da educação, que precisa, no mínimo, de uma dupla condição: que a atividade educativa seja informada pela teoria pedagógica e que os educadores sejam verdadeiramente formados em pedagogia. A partir desse horizonte pedagógico é possível falar em interdisciplinaridade (PIMENTA, 2012).

Nota-se, então, que a interdisciplinaridade é essencial para a geração do trabalho intelectual e seu significado contínuo dentro e fora do mundo acadêmico. Representa a força da mudança, o desafio à ortodoxia e o dinamismo no desenvolvimento do conhecimento. Portanto, é absurdo considerar a interdisciplinaridade como marginal. A interdisciplinaridade é central para o desenvolvimento da pesquisa científica pedagógica, bem como para iluminar os problemas educacionais do nosso tempo.

A interdisciplinaridade aparece primeiro como uma proposta contra o conhecimento em 'pílulas', dividida em múltiplas especialidades, onde cada uma está encerrada em um saber estreito: enfim, se o termo sábio é reservado aos homens que têm uma visão de uma disciplina como um todo, deve-se reconhecer que não há mais estudiosos e que apenas cientistas permanecem. Uma situação assim caracterizada, como perigosa e mutiladora, exigiria pelo menos grandes esforços de reunificação parcial (GASPARIN, 2012).

Imediatamente surge a questão sobre a veracidade que o conhecimento interdisciplinar pode gerar dentro da pedagogia. Diante dessa preocupação hoje vale dizer que 'tudo' é certeza. Essa certeza é a manifestação da multiplicidade. Além disso, para que essa certeza se manifeste, é necessário que todos os homens que fazem ciência e educação considerem que a verdade é simplesmente parcial, de modo que a 'verdade' de cada ser é indispensável para o crescimento do homem como pedagogo do mundo.

Essa certeza da pedagogia foi expressa por Piaget (1983) quando anunciou que o progresso da pedagogia experimental, como ciência independente por seu

objeto, está vinculado, como em todas as ciências, à pesquisa interdisciplinar, se o que se trata é constituir uma verdadeira ciência, ou seja, uma ciência explicativa e não apenas descritiva, algo que os centros de pesquisa desta jovem disciplina compreenderam, aliás, em grande parte.

Mas a pedagogia cresceu e desenvolveu uma integração no mundo da vida científica, abandonou a ortodoxia educacional e os dogmas do ensino tradicional, isso permitiu a sua "pluridimensionalidade, em que as dimensões das outras ciências estão presentes e em que o mundo global perspectiva, longe de ter sido expulsa pela multiplicidade de perspectivas particulares, é por elas exigida" (Morín, 2001, p. 20), esta exigência tem fortalecido a pedagogia como teoria e prática educativa. O que levou a pensar que as múltiplas dimensões da aventura humana, a constituição de um objeto simultaneamente interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar permite a criação de troca, cooperação, multicompetência (MORÍN, 2001),

É assim que a pessoa humana se move e pode ser reconhecida no campo de uma pedagogia multidisciplinar, em suas duas versões: a externa e a interna (MIALARET, 2017):

1. Multidisciplinaridade externa: é entendida como a colaboração de especialistas de diferentes disciplinas para a análise de fenômenos educacionais. É essencial no campo da didática das diferentes disciplinas escolares. A pedagogia da geografia não pode ser ensinada sem a colaboração do geógrafo, que é o único capaz de dizer o estado atual da ciência em que é especialista. Não foram os pedagogos que conseguiram mudar os programas, é preciso um especialista para sua preparação. Isso não significa que a pedagogia das disciplinas dependa de especialistas, mas eles desempenham um papel importante nessa perspectiva multidisciplinar.

2. Multidisciplinaridade interna: constitui a pedra angular da unidade e autonomia das ciências que colaboram com a educação; refere-se ao que tentamos destacar sobre a *complexidade* do determinismo das situações educativas. Tem dois elementos acompanhantes: um é a falta de confiança que os 'cientistas' têm nas chamadas explicações pedagógicas, acostumados a trabalhar com fenômenos para os quais controlam todas as variáveis, facilmente observam o grau de incerteza dos resultados e a fragilidade das explicações, incompletas por natureza. A outra é a imagem distorcida que as ciências da educação dão de si mesmas como consequência de seu

desenvolvimento desigual e sem relação com os demais campos desta ou daquela disciplina.

Portanto, a explicação de um fato pedagógico educacional nunca é simples; muitas vezes é incompleta e, portanto, imprecisa. A explicação multidisciplinar é, portanto, essencial no campo da pedagogia, dada a complexidade dos fenômenos a serem analisados e compreendidos.

Isto tem consequências importantes no domínio da *formação* na área das ciências da educação. Embora seja verdade que a especialização exija atualmente a renúncia, em certo nível, ao conhecimento universal ou holístico, não é menos verdade que uma cultura geral básica é essencial, se se quer ser capaz de analisar e explicar fenômenos educacionais, levando em consideração conta todas as coordenadas. Nesse sentido, a pedagogia, juntamente com outras áreas do conhecimento, requer cultura geral para emancipar a educação humanística. Não é possível especializar-se em uma das ciências da educação sem ter um panorama dos fatos e situações educacionais, bem como das técnicas utilizadas pelas diversas ciências para o estudo do homem como centro de uma natureza e de um universo educacional complexo.

1.4 A PEDAGOGIA NA ATUALIDADE

A reflexão pedagógica que se inicia na modernidade permitiu a produção e sistematização de múltiplos discursos. Há alguns anos a pedagogia parecia ser clara sobre alguns aspectos que permitiam sua organização e classificação, é preciso esclarecer que como toda classificação arbitrária e restritiva. Representavam um pensamento pedagógico específico, identificável pelo autor ou autores; linhas de pensamento fortalecidas por escolas filosóficas ou educação progressista⁵; formas e linhas de educação alternativa vs. educação oficial. Essas tendências tentavam se opor às formas hegemônicas de abordar a educação e propunham inovações e resistências aos modelos.

A produção em pedagogia tem crescido consideravelmente nos últimos tempos. O interesse que desperta, sua atualidade, faz com que muitos campos

⁵ A Educação Progressista considera o indivíduo como ser que constrói a sua própria história. Sua metodologia consiste no desenvolvimento de atividades de ensino que consideram o aluno como o centro do processo ensino-aprendizagem

acadêmicos se preocupem com ela, e também faz com que muitas disciplinas ocupem seu espaço. Da mesma forma, a facilidade de acesso à informação sobre as obras e desenvolvimentos que dela se fazem, tem levado a que neste momento sejamos bombardeados com informação sobre pedagogia e educação.

A pedagogia na atualidade caracteriza-se pela especialização e fragmentação, por sua vez, pela proliferação de discursos oriundos de diversos campos do saber. Da mesma forma, caracteriza-se porque seus discursos não pretendem totalizar o ambiente escolar, nem o campo educacional. São discursos locais, especializados e sem pretensões de universalização.

A partir desses argumentos, a pedagogia dialoga com os novos estatutos de conhecimento que validam as competências, os planos de melhoria, a economia e as possibilidades de atuação nessas fases avançadas do capitalismo. Quer dizer, ela é filha de seu tempo e de seus relacionamentos. Estão aqueles que produzem a pedagogia, que a investigam hoje, que falam em seu nome, como ela é utilizada, as áreas em que é promovida e quem é afetado por seu discurso. Nesse sentido, a pedagogia, mais do que uma questão teórica, é uma questão de subjetividades ou processos de subjetivação, onde indivíduos ou sujeitos são atravessados por ela como experiência de educação. O último elemento tem a ver com o lugar, ou seja, com o espaço, com a geografia, com a localização e o deslocamento. Libâneo (2013) afirma que no mundo contemporâneo está intimamente relacionado com o verbo viajar, que por sua vez ecoa a palavra pedagogia, falando de um guia que acompanha a criança e orienta sua aventura, por isso a questão da pedagogia é de alguma forma geográfica.

O exposto permite compreender os caminhos, em crescendo, que a pedagogia tem percorrido para chegar a uma concepção maior: a Pedagogia Contemporânea, de modo a tornar o ensino e a aprendizagem mais eficazes em correspondência com as várias realidades que hoje se manifestam.

A pedagogia navegou na segunda metade do século XX entre a possibilidade de encontrar autonomia em relação a outras formas de conhecimento ou de reconfigurar seu significado com essas outras formas de conhecimento. Em outras palavras, o processo ocorre na luta para definir, a partir de seu possível objeto de estudo (formação), o caminho de sua "cientificidade" e a exigência ou submissão a discussões e relações interdisciplinares ou transdisciplinares.

Neste contexto, parece que a busca de identidade por parte da pedagogia é curiosamente apresentada como um processo de intersecção e relações com outras formas de conhecimento, nos termos de Franco (2021), como uma espécie de diagrama, ou seja, de uma sobreposição de mapas, onde existem pontos de conexão, mas ao mesmo tempo locais distantes, de encontro, de alianças e caminhos diferentes e relativamente distantes.

A questão da pedagogia hoje é a questão do evento pedagógico e do pedagogo que fala dele e do professor que a vivência, ou seja, a pedagogia pertence ao sujeito. Nesse sentido, a pedagogia torna-se uma prática que se constrói a partir de interações, saberes e experiências em que o sujeito está presente, ele pertence àquilo que agora determina sua ação: o professor e o pedagogo não pertencem mais a uma tradição, a um modelo pedagógico, ou a uma tendência que desde o passado fornece andaimes teóricos que determinam suas atividades e ações, mas pertencer ao agora, ao presente, permite relacionar-se com uma ampla gama de situações, contextos, modos de vida, formas e práticas de institucionalização e modos de sentir e fazer pedagogia ou pedagogias, porque se torna objeto de sua reflexão, a formação localizada nas "entranhas do presente"; o pedagogo e o professor não podem deixar de lado seu questionamento e seu pertencimento ao "nós", ao conjunto de relações culturais típicas de sua situação atual.

A pedagogia contemporânea reúne um conjunto de ideias propostas por diferentes pedagogos, pensadores e filósofos, postulados que começaram a surgir desde a revolução francesa que deram origem a novas tendências pedagógicas com posturas e metodologias num contexto cultural específico que o que se pretende fazer é educar em um determinado momento, em que se configura a experiência pedagógica. É a soma de conceitos que identificam o homem a ser formado, caracteriza o processo de formação, determina princípios, leis, estratégias, métodos e técnicas para desenvolver o processo educativo que conduz à formação de um homem integral, capaz de crescer como pessoa e transformar o ambiente social em que atua.

Não se pode ignorar que a pedagogia contemporânea tem se caracterizado por inovações pedagógicas que buscam tornar a escola mais dinâmica, ativa e participativa, focando a atenção na motivação, interesses e necessidades dos alunos.

Cabe destacar que as novas tendências sempre foram marcadas pela influência da escola tradicional, que apesar de muito questionada, atualmente

continua tendo grande relevância em algumas instituições, trazendo conflitos internos que inferem o desenvolvimento normal do processo dos alunos, estabelecendo barreiras que impedem o progresso em direção à escola moderna.

1.5 A ESPECIFICIDADE DO TRABALHO DO(A) PEDAGOGO(A)

A definição da figura do pedagogo sempre foi objeto de reflexão pelas diferentes esferas acadêmicas e profissionais. A sua ligação a outras figuras de origem comum e a sua ligação tradicional ao ambiente escolar tornaram o papel deste especialista numa questão vaga e por vezes desconhecida.

A Pedagogia é a ciência que estuda a educação, enquadra-se nas Ciências Sociais e Humanas e está relacionada com outras ciências como a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia.

De forma genérica, o objetivo da Pedagogia é planejar, analisar, desenvolver e avaliar os processos de ensino e aprendizagem. Visa melhorar a realidade educacional em diferentes áreas: família, escola, social e trabalho (MIALARET, 2017).

Essa ciência geralmente está associada ao ramo educacional, pois a Pedagogia é fundamental para garantir o desenvolvimento social baseado na igualdade e na inclusão. Nesse sentido, pode-se indicar que a função do pedagogo nas escolas é geralmente enquadrada nos Departamentos de Orientação, onde pode aconselhar os alunos em itinerários formativos individualizados que lhes permitam enfrentar o processo de aprendizagem com maiores garantias de sucesso. Para além desta atividade geral com os alunos, o pedagogo desempenha funções de aconselhamento junto dos docentes, orientando-os no planeamento e desenvolvimento do trabalho docente, incluindo também a Gestão de centros de formação e escolas.

Por outro lado, pode colaborar no diagnóstico de necessidades específicas de apoio educacional, propondo intervenções especializadas para os alunos que dele necessitem. Da mesma forma, também pode ser de grande ajuda para as famílias e a comunidade.

Mas é importante ressaltar que a escola não é a única oportunidade de trabalho para os pedagogos. Partindo do fato de uma das principais funções do pedagogo estar associada à sua especialização na concepção, implementação e

avaliação de ações formativas, o seu trabalho pode ser desenvolvido em diferentes áreas e contextos.

CAPÍTULO II – A PEDAGOGIA HOSPITALAR E ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Na tentativa de compreender a inserção profissional do pedagogo no ambiente hospitalar será apresentada uma abordagem histórica da pedagogia hospitalar, com ênfase em aspectos revelados no contexto brasileiro bem como, ressaltando as potencialidades das práticas pedagógicas, as teorias e os desafios enfrentados.

2.1 HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Em 1935, Henri Charles Sellier, administrador francês, urbanista e político socialista tornou-se precursor da Pedagogia Hospitalar ao inaugurar a primeira escola para crianças inadaptadas, nos arredores de Paris. Seu exemplo fez com que países como Alemanha e Estados Unidos passassem a oferecer a crianças e adolescentes acometidas de tuberculose a possibilidade de continuidade de seus estudos (VASCONCELOS, 2008).

Em 1939, na comuna francesa *Suresnes* localizada a 9,3 km do centro de Paris, criou-se o Centro Nacional de Estudos e de Formação para as Infâncias Inadaptadas - C.N.E.F.E.I oferecendo a professores uma formação especializada no âmbito hospitalar. No mesmo ano, o Ministério da Educação francês criou o cargo de professor hospitalar (ESTEVES, 2007).

No cenário nacional, no ano de 1950, o Brasil passa a ter seu primeiro Hospital com atendimento de classe hospitalar, trata-se do Hospital Municipal Jesus, localizado no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1986, foi aprovada pelo parlamento europeu a Carta Europeia dos Direitos das Crianças Hospitalizadas, considerada como a primeira legislação vigente voltada aos direitos de crianças e adolescentes hospitalizados, garantindo o direito à educação durante o período de doença.

Considerando a linha do tempo descrita acima, pode-se afirmar que a Pedagogia Hospitalar (PH) surgiu para evitar a exclusão de crianças e jovens do sistema educacional, proporcionando a escolarização em contextos hospitalares. Todavia, este campo da educação tem sido um foco recente na literatura . A inclusão

da palavra “hospital” na Pedagogia tem a função central de definir a tarefa pedagógica e distinguir a PH como um campo específico da pedagogia. A Pedagogia Hospitalar existe em quase todos os países e, embora seja implementada de forma diferente, são reconhecidas três modalidades: ensino à beira do leito, ensino em sala de aula dentro ou adjacente ao centro médico e ensino domiciliar (JESUS, 2017).

A Pedagogia Hospitalar continua sendo um campo rico de exploração, com territórios ainda não investigados, portanto, com uma força heurística que a partir da linha de pesquisa pretende se potencializar.

Para alguns, a Pedagogia Hospitalar constitui uma modalidade de Pedagogia Social porque embora a sua tarefa seja desenvolvida fundamentalmente com as crianças, o fato de não se inscrever no contexto escolar e de a ação ter de ser frequentemente alargada a pessoas do meio do sujeito, faz com que o seu papel seja mais parecido com o de um educador que trabalha em contextos sociais. No entanto, para a maioria dos autores tem as características da Educação Especial, entendendo que essa ação educativa nos hospitais é basicamente atenção à diversidade como ensino adaptado às necessidades educativas especiais decorrentes do adoecimento e da hospitalização (MATOS; MUGIATTI, 2009).

Ainda de acordo com Matos e Mugiatti (2009), a Pedagogia Hospitalar não é uma ciência fechada, mas multidisciplinar, que ainda está delimitando seu objeto de estudo para responder àquelas situações que, na conjunção dos campos da saúde e da educação, a sociedade exige, tornando os programas assistenciais igualmente necessários, com criança convalescente, ou seja, conceber a convalescença em casa como prolongamento do período de hospitalização.

É nesta abordagem que os princípios da dignidade, igualdade, não discriminação, prevalência de direitos, corresponsabilidade e inclusão ganham valor e apresentam novos desafios aos atuais educadores, onde a comunicação experiencial entre a família, o educador e o aluno apresenta qualquer momento, como espaço pedagógico de aprendizagem, que permite adaptar-se a qualquer situação, por mais dolorosa que seja, enriquecendo a criança acometida por uma doença com novas experiências e transformando seu sofrimento em aprendizado.

A doença representa um estado ameaçador tanto para a criança quanto para sua família. Seu estilo de vida muda e começam a trocar bonecas, carros e jogos por cateteres, agulhas e remédios; seu círculo de amigos é formado por médicos, enfermeiros e funcionários do hospital.

O que precede constitui um fato estranho e alheio à essência da criança; a doença confronta a criança com novos limites onde a possibilidade de continuar com seus projetos e sonhos torna-se cada vez mais distante, causando sentimentos de ansiedade, angústia, medo e solidão.

Essa nova situação provavelmente altera as motivações e sonhos da criança, alterando seus hábitos, ritmos e estilos de vida, enfrentando múltiplas situações que influenciam seu comportamento, gerando depressão e dificuldade em estabelecer contato físico não só com seus pares, mas também com os membros de sua família.

A doença atinge não apenas a esfera psicológica da criança, mas também o ambiente familiar, onde se conjugam sentimentos de impotência no enfrentamento da nova situação e perda de controle da capacidade de proteger seus filhos.

Jesus (2017) afirma que as reações no momento em que o diagnóstico é conhecido na família, geram sentimentos muito intensos de descrença, raiva, medo, culpa e dor. Na maioria dos casos, esses sentimentos são acompanhados por uma tendência muito acentuada de isolamento da família, fechando todo o apoio que vem de fora.

Atualmente, a questão do adoecimento nas crianças tem sido encarada na escola, reconhecendo que isso faz parte do ser humano, dos sonhos de sala de aula e dos projetos escolares, tornando-se uma condição comum nos alunos, onde é necessário dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, embora, dada a sua condição de saúde, ele mude seu status de estudante para paciente.

Conforme menciona Fontes (2017), reconhece-se a importância de oferecer à criança novos espaços de aprendizagem, articulando a escola ao contexto hospitalar, fazendo com que a pedagogia hospitalar cumpra uma função orientadora que fortalece a experiência docente e um significado muito diferente e diverso de qualquer outro momento pedagógico.

A atividade educativa com crianças doentes em hospitais não é recente. No entanto, o que até há muitos anos era feito através de instâncias de marcada cariz caritativa-assistencial, tornou-se gradualmente uma nova ciência no âmbito educativo e numa atividade profissional: a Pedagogia Hospitalar.

Jesus (2017) aponta que os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento da pedagogia hospitalar devem atuar com base em uma perspectiva integral e sistêmica. Em outras palavras, para alcançar um desenvolvimento infantil ótimo e integral, eles devem abranger aspectos inter-relacionados.

Os pedagogos responsáveis pela educação das crianças devem ensinar os conteúdos curriculares de acordo com o seu nível escolar, que o sistema educacional estabelece. Desta forma, eles devem trabalhar para evitar que fiquem para trás em seu progresso formativo.

A proposta da pedagogia hospitalar abrange outros espaços diferentes do hospital, onde a escolarização institucionalizada se constitui em mais um momento, juntamente com outros que fazem parte do crescimento humano e reconhece outros espaços pedagógicos como a casa e o próprio hospital que podem gerar aprendizagens significativas e relevantes para a vida da criança, associados à sua nova experiência e condição de vida.

A pedagogia hospitalar visa fortalecer a criança não apenas no aspecto pedagógico, mas também em sua esfera emocional a partir da adaptação como ferramenta para enfrentar a nova situação que lhe é apresentada e coloca novos desafios ao professor atual que o levam a gerar mudanças estruturais na escola, onde a flexibilização do currículo constitui a espinha dorsal dessas mudanças, direcionando ajustes aos direitos básicos de aprendizagem, com opções didáticas de disciplinas baseadas na inovação e na motivação constante da criança, fazendo uso das tecnologias da informação e comunicação e estabelecendo avaliação flexível espaços que garantam a aprendizagem, a promoção e a permanência da criança na escola, entendido este não como o espaço físico, mas como um ambiente que não necessita de um momento ou de uma estrutura para que a criança alcance seus propósitos de aprendizagem (MOREIRA; SALLA, 2018).

Assim, é preciso lembrar que o professor deve estar preparado e pronto para lidar com esse tipo de situação em sala de aula, fazendo uso do lúdico como ferramenta de aprendizagem, capaz de potencializar habilidades da criança, partindo da premissa de o que você tem e não o que falta à criança, consciente da diversidade como uma oportunidade de aprendizagem e garantidora do direito à educação, estabelecido na constituição.

2.2 ASPECTOS LEGAIS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL EM AMBIENTE HOSPITALAR

Os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados foram publicados em outubro de 1995, o texto foi escrito pela Sociedade Brasileira de Pediatria e

homologado pelo Ministério da Justiça e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente (CONANDA), com o intuito de que essas crianças e adolescentes tivessem o mínimo de conforto e bem-estar durante o seu tratamento, e, para além disso, garante o acesso à educação, em seu artigo 9 diz: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”, reafirmando assim, que essas crianças e adolescentes possuam o direito ao acesso à educação mesmo internados em hospital.

No Brasil, a legislação verificou em conjunto com o Estatuto da Criança e do Adolescente, por meio da Resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, o “Direito de usufruir de alguma forma de recreação, programas de educação em saúde, acompanhamento do currículo escolar durante a internação”.

Em 2018, a legislação sobre Pedagogia Hospitalar foi revisada e atualizada por meio da lei nº. 13.716, com a inserção do artigo 4º-A na LDB nº. 9.394/96, garantindo atendimento educacional ao aluno do ensino fundamental internado para tratamento de saúde, no hospital ou no domicílio por período prolongado.

O Plano Nacional de Educação Especial (PNEE), declara que:

Por meio de parceria com unidades hospitalares, o sistema educacional deve preparar adequadamente os espaços físicos, disponibilizando ambientes para o ensino e para o atendimento educacional especializado, considerando a ambiência hospitalar e as condições clínicas e psicoemocionais de cada estudante. Esses ambientes apropriados nos quais se desenvolvem as atividades da classe hospitalar devem ser vinculados a uma escola pública ou em parceria com uma escola privada (BRASIL, 2020, p. 81).

Com base nisso, pode-se notar que independente do ambiente em que a criança se encontra ela terá acesso à educação, até mesmo em hospitais. A partir disso, surgem as Classes Hospitalares, onde procuram atender aqueles que por motivo de tratamento de saúde não podem frequentar o ambiente escolar. O atendimento pedagógico hospitalar está previsto na Lei 13.716, de 2018, onde diz, em seu artigo 4º, que é assegurado atendimento educacional, durante o período de “internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa”, ou seja, é garantido aos internos um suporte individualizado e específico, se adequando a atual

realidade do educando pelo tempo que for necessário, alterando a Lei n° 9.394, de 1996, onde assegurava esse atendimento somente para educandos pertencentes ao público-alvo da educação especial.

Para estudantes nessas condições, as secretarias de Educação e de Saúde devem oferecer alternativas para que continuem estudando até estarem aptos a retornar à escola assim que cessar o tratamento ou a condição especial que os obrigou a ficarem fora da rotina escolar. A classe hospitalar deve, portanto, favorecer o desenvolvimento de atividades pedagógicas, ter mobiliário adequado, instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas, além de espaço ao ar livre para atividades físicas e ludo pedagógicas.

Com base no exposto acima, pode-se inferir que a ideia de viabilizar a educação a todos os cidadãos já existe desde a Constituição de 1988, entretanto as maneiras pelas quais todos, sem exceção, podem ter acesso à educação só passou a ser pensada, no Brasil, a partir da década de 1990. Esse atraso faz com que, atualmente, a classe hospitalar seja reconhecida oficialmente, mas, não seja de conhecimentos da população, o que faz com que muitas crianças e adolescentes afastem-se da escola durante o período de hospitalização.

2.3 TEORIAS ADOTADAS NA PEDAGOGIA HOSPITALAR

No desenvolvimento da pedagogia hospitalar, foram adotadas algumas teorias e, nesta seção, serão destacadas as duas principais como a teoria sobre o desenvolvimento do conhecimento e a teoria das situações didáticas de Brousseau.

2.3.1 Teorias sobre o Desenvolvimento do Conhecimento

A partir desta seção, na ampliação do quadro referencial, vale destacar Piaget por sua significativa contribuição como fundador da teoria do desenvolvimento do conhecimento, pilar fundamental da epistemologia genética, por meio do qual se tenta descobrir os diferentes tipos de conhecimento, suas formas mais elementares, sua evolução e desenvolvimento, dos níveis inferiores aos níveis superiores do conhecimento científico.

Da mesma forma, as contribuições piagetianas em vários campos da ciência, psicologia, sociologia, filosofia e na análise profunda e complexa da relação que existe

entre o conhecedor e o conhecido. A partir de seu postulado básico de psicoepistemologia, explica-se que todo fenômeno, seja físico, social ou psicológico, deve ser buscado em sua própria gênese e não em outro lugar. Tudo isso deu uma guinada, de dimensão histórica, na prática social do ser humano. Contribuições que constituem um suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

Nesse sentido, o desenvolvimento do conhecimento do ser humano é abordado a partir do construcionismo, que implica considerar o conhecimento como resultado de um processo de construção e reconstrução dos fatos do mundo pelas pessoas ao longo de suas vidas, por meio da constante interação com objetos e com outras pessoas. Assim, as estruturas cognitivas são construídas desde a concepção em um *continuum* humano. Por outro lado, essa posição influencia a pesquisa a ser realizada, dado o contexto fenomenal e os processos da pedagogia hospitalar. Uma abordagem no construtivismo radical de Von Glasersfeld é a formação do conhecimento através da ação e da reflexão sobre a ação, a evolução de esquemas que se adaptam ao mundo experiencial do sujeito e modernizam o conhecimento. A aprendizagem é construtivista e individualista, o ensino respeita as construções dos alunos que antecipam, confrontam e validam seus raciocínios e o professor é um mero facilitador, considerando-o, nessa linha, um aprendiz do ensino (DANTAS; SOUZA; AMORIM, 2015).

O construtivismo social, que tem em Ernest um de seus referentes, adota uma ontologia relativista moderada, propõe a fenomenologia social e entende o mundo como resultado de uma construção social. Em sua epistemologia ele assume o conhecimento como provisório e socialmente aceito. A teoria da aprendizagem é construtivista, considera relevantes a linguagem, a interação social e as situações de conflito cultural e cognitivo. Esses aspectos vêm da teoria de Vygotsky (ASSIS, 2019).

No que diz respeito à complexidade dos processos de aprendizagem e ensino, é pertinente abordar esta questão a partir de várias perspectivas teóricas, nesse sentido e consubstanciadas com a abordagem dialética no construtivismo social de Vygotsky (1998), cujo ponto fundamental é que o desenvolvimento de funções de mentes complexas como linguagem, pensamento conceitual, percepção e memória são o produto do processo de interação humana; ao mesmo tempo, a linguagem e a cognição se desenvolvem em paralelo.

Essas obras conceituais nos permitem argumentar que tanto a teoria piagetiana quanto a vygotskyana são construtivistas, pois consideram a criança como

um organismo ativo que constrói e processa sua realidade, uma realidade mutável. No entanto, ambas as abordagens são diferentes, Piaget não se aprofunda no aspecto sociocultural, Vygotsky atribui importância às pessoas (significativas para a criança), à estimulação ambiental e à acomodação que a criança faz diante daquele ambiente. Sua teoria é representada por uma filosofia dialética. No que se considera o ambiente um papel de grande relevância como ativador na construção da aprendizagem pela criança nas suas interações com os outros (VASCONCELOS, 2011).

Nesse cenário, é necessário criar situações na sala de aula do hospital que estimulem interações dialógicas para que o aluno se sinta motivado a forçar seus próprios mecanismos de pensamento, mesmo que seja concreto, pode levar a reflexões e aprendizados profundos; o professor mediador, por meio do estímulo e apoio no processo de aprendizagem e ensino, o conduz a um pensamento mais abstrato. A aprendizagem do aluno não deve ser vista como fragmentada, pelo contrário, é concebida dentro de uma concepção integral e holística em uma visão de mundo social, cultural e histórica (FONTES, 2017).

Dentro desta perspectiva, o conceito vygotskyano de "Zona de Desenvolvimento Proximal" é retomado e dimensionado, ao espaço, lacuna ou diferença entre as habilidades que o menino e a menina possuem e o que podem aprender através do guia ou suporte que pode ser fornecido por um adulto na tentativa de resolver os problemas práticos da educação. Essa definição é tratada como a distância que a criança deve percorrer entre o que já sabe e o que pode fazer, se o meio lhe fornecer os recursos necessários, por meio de um processo de interação social, seja com um adulto ou um parceiro que favoreça a internalização de funções psicológicas novas ou existentes (VASCONCELOS, 2011).

Na mesma ordem das ideias, a educação como ato humano deve ser fomentada em clima de liberdade para que o aluno se auto inicie à aprendizagem. Portanto, é necessário redimensionar e repensar a prática pedagógica para alcançar um melhor respeito ao aluno em sua condição humana. A partir da concepção humanística, a ação educativa tem como foco a aprendizagem e a criatividade, o aluno é considerado um ativo construtor de seu conhecimento e o professor um mediador, um promotor de seu desenvolvimento, consciente de seus problemas e criador de um clima de respeito, autoconfiança e reciprocidade.

2.3.2 A Teoria das Situações Didáticas de Brousseau

A Teoria das Situações Didáticas de Brousseau baseia-se nas interações aluno-ambiente-professor como meio de construção do conhecimento. Brousseau define uma situação didática como o conjunto de relações estabelecidas explícita e/ou implicitamente entre um aluno ou um grupo de alunos, um determinado ambiente e um sistema educacional para que os alunos se apropriem de um conhecimento constituído. Está organizado em dois subsistemas: o subsistema educacional, representado pelo professor que pretende ensinar e um determinado conhecimento que se pretende ensinar. O subsistema ensinado pretende apropriar-se desse conhecimento. Entre esses dois subsistemas existe uma relação que constitui a própria situação didática (TEIXEIRA; PASSOS, 2013).

Se a situação problemática apresentada ao aluno for aceita como problema do próprio aluno, e o aluno decidir agir, falar, refletir, ocorre o retorno. Isso ocorre quando o aluno percebe a situação como uma necessidade independente do desejo do professor. A produção do conhecimento, sua modificação ou implementação aparecem como uma resposta pessoal às demandas do meio e não ao desejo do professor.

Neste contexto, o papel do professor é encontrar aquelas situações de aprendizagem que possibilitem a construção do conhecimento de tal forma que estes apareçam como demandas do ambiente e não do capricho do professor. Neste momento o aluno encontra-se numa situação a-didática, compreendido por aquilo que está fora do contexto da educação formal e que o aluno enfrenta de forma autônoma, construindo conhecimento para ele.

Cada conhecimento é caracterizado por diferentes situações didáticas que são chamadas de situações fundamentais. Brousseau distingue quatro tipos principais de situações, dependendo do tipo de interação dos alunos com o conhecimento, segundo apontam Espinoza *et al.* (2013):

(1) Situações de ação: para resolver o problema o aluno deve agir. Através de sua ação, o aluno sabe se está certo ou errado. Ele não precisa que ninguém o corrija, pois é a própria situação que fornece o reforço ou a sanção para suas ações. É a interação ação-situação que ajuda o aluno a aprimorar o modelo ou estratégia utilizada ou simplesmente abandoná-la, permitindo a criação ou modificação de uma estratégia. Isso é visto claramente quando o problema é modificado e eles agora são

solicitados a cortar uma rosquinha com três cortes e obter nove pedaços. A maioria das crianças modifica a estratégia e resolve rapidamente o problema;

(2) Situações de formulação: nas situações de formulação o aluno troca os resultados obtidos na etapa anterior com outros alunos e/ou o professor. O receptor ou receptores retornam suas observações. Como resultado dessa troca, o aluno criará um modelo explícito, que poderá ser formulado com o auxílio de signos e regras, já conhecidas ou novas.

(3) Situações de validação: agora os alunos devem provar que o modelo criado é válido, através do desenvolvimento de argumentos que devem necessariamente seguir uma ordem para serem compreendidos pelo receptor, desta forma o aluno construirá uma demonstração significativa para ele. O receptor pode concordar ou não com os resultados apresentados, mas deve justificar sua discordância. O teste de conhecimento é operacionalizado em situações de validação. Esse conhecimento, quando aceito por todos, passa a fazer parte dos teoremas conhecidos, podendo ser utilizado para outras situações de validação. Dantas, Sousa e Amorim (2015) apontam que ensinar matemática é ensinar para explicar o que se pensa ser verdade e poder provar isso.

(4) Situações de institucionalização: nelas o conhecimento desenvolvido em situações de validação torna-se conhecimento social e faz parte da herança matemática que vai além da sala de aula. A institucionalização supõe o reconhecimento oficial pelo aluno do objeto de conhecimento e o professor reconhece a aprendizagem do aluno como oficial.

Em relação à sua teoria das situações didáticas, Brousseau aponta porque ela não pode ser aprendida apenas por referência à autoridade do adulto, mas que fazer matemática é para a criança uma atividade social e não apenas individual.

A visão por trás desta teoria é que o ensino e aprendizagem do conhecimento matemático, mais do que algo puramente lógico-matemático, implica uma construção colaborativa dentro de uma comunidade educativa; é um processo social. Através da discussão e debate de como um problema matemático pode ser resolvido, são despertadas no indivíduo estratégias para chegar à sua resolução que, embora algumas delas possam ser errôneas, são formas que lhe permitem ter uma melhor compreensão da teoria matemática dada em classe (TEIXEIRA; PASSOS, 2013).

Essas teorias sustentam o objeto de estudo devido às possibilidades que oferecem à pedagogia hospitalar para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de alunos pacientes que vivem em hospitais.

2.4 POTENCIALIDADES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

No uso aqui feito da Pedagogia Hospitalar, busca-se que ela aponte para além do currículo escolar. Por este motivo, tem procurado dar apoio emocional à criança e à família, reduzir a ansiedade, melhorar a sua adaptação e adaptação à hospitalização, incentivar a atividade garantindo que a criança ocupe proveitosamente o seu tempo livre, cultivar a alegria natural da infância e o convívio social relacionamentos e proporcionar confiança e segurança à criança e sua família. Assim, tem-se buscado orientação nas chamadas terapias com sentido educativo – aquelas que proporcionam crescimento realizando atividades criativas em si mesmas – para fazer parte do conceito de Pedagogia Hospitalar. Entre elas, as chamadas “terapia narrativa” e “arteterapia” são de particular interesse.

2.4.1 Terapia narrativa

O termo terapia narrativa envolve ouvir e contar histórias sobre as pessoas e os problemas em sua vida. Diante de problemas sérios e às vezes potencialmente extremos, a ideia de ouvir ou contar o que está acontecendo pode parecer trivial; é difícil acreditar que as conversas possam configurar novas realidades, mas é assim; as pontes de sentido que se constroem com as crianças no diálogo ajudam a avançar na cura e que não murchem e caiam no esquecimento. A linguagem pode dar aos fatos a forma de histórias de esperança, razão pela qual a terapia narrativa utiliza o diálogo, as histórias, as conversas e os processos simples de falar e ouvir, pois são formas importantes de construir significados com as crianças, que as ajudam a produzir avanços em seus processos internos.

De fato, de acordo com Moreira e Salla (2018), dada uma escolha, a maioria das crianças preferiria interagir de uma forma divertida; conversas sérias e resolução metódica de problemas podem dificultar a comunicação das crianças, abafar suas vozes, inibir seu pensamento, conhecimento e recursos criativos. Por isso, na resolução de problemas com crianças, deve-se ter a capacidade de permanecer

curioso e despreocupado o suficiente para interagir naturalmente nas conversas e trocas com as crianças.

2.4.2 Arte terapia

Uma ferramenta de grande interesse nas salas de aula hospitalares é a arte; ao longo do tempo, a arte tem tido grande importância como meio terapêutico, sendo considerada como uma área de atividade expressiva, criativa e comunicativa. Esta última frase nos remete à ideia de criatividade como saúde; se o paciente puder desenvolver sua criatividade e expressão sensorial por meio da arte, então pavimentase o caminho para sua cura ou recuperação.

A arte, em suas muitas formas, representa uma saída emocional que cria um vínculo comunicativo entre quem a faz, o produto e o destinatário da produção. Dentro das muitas formas de arte, o desenho passa a representar na criança uma oportunidade de expressar seus humores, seu intelecto e emoções. Os gráficos são usados pela criança como uma linguagem pessoal, para dar a conhecer as ideias, sentimentos e impressões em relação ao que quer comunicar. Segundo Oliveira, Silva e Fantacinni (2016), o desenho infantil é uma manifestação privilegiada da criação artística e é também o lugar onde a psicologia pode reconhecer a expressão de uma "necessidade" psicológica ou emocional, razão pela qual a psicologia opta por estudar os gráficos e desenhos das crianças como um ato que implica conteúdos representativos. No entanto, as emoções da infância são muito mais ricas do que as crianças são capazes de expressar; a experimentação da emoção precede a capacidade de expressá-la, por isso é necessário que as crianças tenham abertamente vários meios, como o desenho e a arte em geral, para se expressarem e comunicarem seus sentimentos e emoções.

2.5 O TRABALHO DO/A PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Basicamente, existem duas funções do pedagogo hospitalar: a) educar crianças hospitalizadas em função de sua doença e o estado psicobiológico em que se encontra e b) colaborar com a equipe em estar ciente de que a cura, a saúde, é o objetivo prioritário ao qual qualquer outro aprendizado deve estar subordinado.

Seguindo Oliveira, Silva e Fantacini (2016), a principal função deste profissional seria estabelecer os canais de informação-comunicação adequados, entre a escola e o ambiente hospitalar, que permitam adequar a atividade escolar à situação física e emocional da criança em cada fase de sua vida. Dessa forma, evitar-se-ia a ruptura do aluno com sua escola e estariam lançadas as bases para o momento de seu retorno normalizado à escola. Os autores ressaltam a importância das atividades escolares para essas crianças para mantê-las em contato com suas vidas normais.

Nessa linha, Ortiz e Freitas (2005) sustentam que as funções do pedagogo no hospital são decisivos no ambiente pediátrico, pois ele poderia ser o interlocutor válido entre a criança e sua família e entre a criança e os profissionais responsáveis pela sua cura e educação. Mais concretamente:

(a) Em relação à família, ela serviria como intérprete de toda a relação carinhosa com o filho. Embora seja verdade que o pedagogo hospitalar tem implicação direta na vida afetiva da criança, sendo sua missão de reeducar as emoções, implantar novos hábitos e ensinar novos valores e reeducar as relações no ambiente familiar, não menos que sua função básica, principalmente, é ser um intérprete da relação existente entre a família e o paciente, para ver até que ponto é benéfica uma aproximação ou a distância entre eles, avaliar se os membros da família precisam de cuidados ou tratamento para lidar com a doença da criança etc.

(b) Com a equipe médica, o educador atuaria como negociador entre a criança doente e esses profissionais como testemunha ocular do processo de cura, transmitindo as intenções de médicos e informando-os da situação pessoal que o paciente vive, dentro de um bom relacionamento que deve presidir na colaboração médico-pedagógica.

(c) E com a equipe psicopedagógica, ele seria o responsável pelo andamento do paciente e de toda a tarefa educativa que deve ser planejada em colaboração com os demais membros da equipe de profissionais da educação que atendem crianças hospitalizadas (professores, psicopedagogos, educadores sociais), pois dada a importância e complexidade do objetivo da Pedagogia Hospitalar, estima-se que deva ser um esforço conjunto de todos estes profissionais.

Nesse sentido, para esclarecer a especificidade do pedagogo no hospital dentro desta equipe, para apontar que, embora o trabalho do professor seja o de estar nas unidades de apoio hospitalar atendendo diretamente com atividade educativa, ou

seja, dar apoio escolar para que os alunos doentes não percam, tanto quanto possível, seu ritmo de estudo e aprendizado, o trabalho do pedagogo deve ser aconselhar e colaborar com os professores no diagnóstico das dificuldades, nas limitações para a aquisição do conhecimento pelo aluno doente, na sua atenção educativa individualizada, no desenvolvimento dos processos de aprendizagem e conhecimento, na elaboração de materiais curriculares, na seleção dos materiais adequados, lógica adequada, em relação à equipe de saúde, famílias, centros educativos de origem e associações de pais e outras associações sem fins lucrativos. O trabalho escolar neste caso é especialmente difícil e o pedagogo deve se tornar um gerador de ideias e procedimentos pelos quais sucessivas dificuldades podem ser superadas.

Fontes (2017), resume as principais funções em duas: a) a assistência educacional e social para garantir que a criança hospitalizada sinta-se calma e relaxada para aprender, e b) dar uma resposta educativa, compensatória e terapêutica nesses momentos de hospitalização. Da mesma forma, Nunes (2014) entende que as funções a serem desempenhadas por esse profissional teria como objetivo: normalizar a vida da criança, mantendo a melhor coordenação e contato com as suas escolas; paliar a chamada "Síndrome Hospitalar" através da continuidade do trabalho escolar no hospital; e ajudar a realizar os processos de relacionamento interpessoal e socialização entre as crianças em sala de aula hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da educação é remover o homem de seu individualismo inato, e inserindo-o na sociedade, deve “socializar” o indivíduo. Entre os objetivos perseguidos pela educação, encontramos três pontos importantes a destacar no indivíduo, seu corpo, sua inteligência e suas faculdades morais e religiosas. Este desenvolvimento contribuirá para preservação da saúde prolongando a vida do indivíduo, enriquecendo e revigorando a mente e fortalecendo a consciência do bem e do dever no indivíduo. É o que Valera chamou de "natureza tripla do homem".

A pedagogia deste século, apesar de sua natureza científica, influencia diretamente a educação por meio de instituições educacionais e hospitalares, sendo esta última aplicada por meio da Educação Especial. A pedagogia hospitalar ganhou grande importância porque seu interesse está voltado para o atendimento educacional às crianças e adolescentes que, por alguma doença, tenham sido submetidas a estadas, curtas ou longas, dentro do hospital. Permite organizar e desenhar estratégias para promover aprendizagem escolar no espaço hospitalar, tendo em conta todas aquelas variáveis de influência no paciente: doença, tempo de internação, nível de escolaridade e heterogeneidade de idades, entre outros. As aulas ministradas no hospital podem permitir que crianças e adolescentes acompanhem, mesmo que parcialmente, seus cursos regulares. O programa escolar pode motivá-lo e aliviar suas ansiedades, além de trazer um estilo de vida mais adequado à sua idade e circunstâncias.

A pedagogia hospitalar pode reduzir a ansiedade sobre o desconhecido, participando com a criança na busca de respostas às suas perguntas; de tal forma que tudo o que gera comportamentos de criatividade, produção, ser útil aos outros, terá um efeito reabilitador. A intervenção pedagógica exige de modo especial a necessidade de que haja colaboração de profissionais que trabalham na área de doenças infantis, onde se apresenta o papel do pedagogo como agente de cuidado educacional e emocional da criança. Da mesma forma, é necessário um espaço para reuniões dentro do hospital onde a criança se sente acolhida e cuidada em suas necessidades psicossociais.

É por isso que foram implementadas as classes hospitalares, em benefício de crianças e adolescentes em idade escolar que, por sua situação de saúde requer hospitalização por períodos variáveis. As salas de aula são frequentadas por um ou

mais professores, muitos deles com formação prévia em Educação especial. Os professores são treinados e acompanhados por uma equipe de assessoria ao longo do ano. Tem um programa educativo baseado na pedagogia da ternura e uma abordagem que combina o didático e o lúdico.

Assim, a partir dos resultados dessa pesquisa, fica clara a necessidade de atendimento pedagógico à criança durante a hospitalização, cuidado pelo qual a criança tem uma porta de saída para a expressão de seus sentimentos, emoções, preocupações e medos por meio de diversas formas de comunicação, como conversas com terceiros significativos, jogos e arte em qualquer de suas formas. Nesse sentido, esta pesquisa pode servir para ilustrar como são criadas as condições para ajudar as crianças doentes e suas famílias a melhorar o conceito de doença da mesma forma, ilustrar como as necessidades expressivas das crianças podem ser atendidas porque estamos convencidos de que o diálogo e a arte produzem efeitos benéficos à saúde.

De fato, a criança doente apresenta necessidades urgentes de cuidado e afeto, que geralmente estão satisfeitos dentro de seu grupo familiar, alcançando sua plena recuperação. Mas quando a doença é grave e a criança necessita de cuidados especializados, a internação hospitalar é imprescindível, o que implica em um grande desafio emocional, pois ingressar em uma instituição muitas vezes sentida como fria, rígida e assustadora causa um choque emocional na criança. Por esta razão, as atividades concebidas e postas em prática pelos pedagogos nos centros de saúde são geralmente lúdico-educativas, destinadas a melhorar a situação pessoal, psicoafetiva e social da criança. Por sua vez, as ações são realizadas em colaboração com outros profissionais de saúde e/ou agentes sociais.

Por outro lado, esta pesquisa obriga-nos a aprofundar o caráter social e especial da Pedagogia Hospitalar como educação integral de um ser humano com necessidades especiais, procurando alcançar a concordância das suas necessidades psicológicas e educativas, em ações futuras. Só assim o cuidado educacional profissional contribuirá para aumentar a qualidade de vida da criança ou adolescente doente, o que nos leva a afirmar que a educação deve ser ofertada ao paciente pediátrico não como um serviço com presença anedótica durante a internação, mas com presença, como outra parte de seus cuidados médicos. Isso só será alcançado se os profissionais que cuidam dos pacientes infantis trabalharem juntos.

Portanto, é necessário redimensionar e repensar a prática pedagógica a fim de alcançar melhor respeito ao aluno em sua condição humana. A partir da concepção humanista, a ação educativa é aprendizagem e criatividade, o aluno é considerado um construtor ativo de seu conhecimento e o professor um mediador, um promotor de seu desenvolvimento, consciente de seus problemas e criador de um clima de respeito, autoconfiança e reciprocidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, D. L. B. Sociedade, infância e família: memórias de estudantes de pedagogia sobre suas vivências infantis. 2019. 168 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

BRASIL. **Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente**. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. Dispõe sobre os direitos da criança hospitalizada. Diário Oficial da União 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>> Acesso Em: 22 jun. 2022.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 76/2013, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/1994. 40.ed. com índice. Brasília: Centro de Documentação e Informação (CEDI), 2013. 464 p. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html> Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.044**, de 21 DE outubro de 1969. Diário Oficial da União, Brasília, 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CAMPOS, R.S.S; PAIVA, N.S.P. A potencialidade da educação em saúde na escola em tempos de pandemia da covid-19: uma reflexão necessária. In: EYNG, Ana Maria; COSTA, Reginaldo Rodrigues(orgs). **Anais do XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba: 2021. 13.181 p.

DANTAS, O. M. A. N. A.; SOUSA, J. C. T.; AMORIM, V. M. O ensinar e o aprender no hospital. In:– **Anais XII Congresso Nacional de Educação – XII EDUCERE**, Curitiba: PUCPR, 2015.

ESPINOZA, L. et al. **Cuestiones a considerar para un uso de la teoría de situaciones didácticas en entornos socioculturales diferentes al francés**. Documento Interno. Cinvestav-IPN: México, 2013.

FABRE, M. Existem saberes pedagógicos? In: HOUSSAYE, Jean et al. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTES, R. O desafio da educação no hospital. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. II, a. XI, n. 64, jul/ago., 2005. Acesso em: 02 de jul. de 2017.

FRANCO, M. **Pedagogia e Prática Docente**. São Paulo: Cortez, 2021.

GASPARIN, J. **Uma Didática para uma Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 2016.

JESUS, E. Desafios do atendimento pedagógico hospitalar/domiciliar em Goiás [manuscrito]: gênero e docência no olhar dos/as agentes envolvidos. **Tese** (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIBÂNEO, J. Licenciatura em Pedagogia: a ausência dos conteúdos específicos do ensino fundamental. In: GATTI, Bernadete Angelina et al. (Org.). **Por uma Política Nacional de Formação de Professores**. São Paulo: UNESP, 2013.

MATOS; MUGIATTI, M. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIALARET, G. Teoria, prática e pesquisa em pedagogia. In: DEBESSE, M.; MIALARET, G. **Tratado das ciências pedagógicas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2017.

MOREIRA, G.; SALLA, H. O Atendimento Pedagógico Domiciliar de alunos que não podem frequentar fisicamente a escola por motivos de saúde: revisão sistemática das investigações realizadas entre 2002 e 2015. **Revista Educação Especial**. v. 31, n. 60, p. 119-138, jan./mar. 2018.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NASCIMENTO, D. M. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. 9. ed. São Paulo: Fórum, 2018.

NASSIF, N. Educação entre as grades: o espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos apenados. 2005. 112f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2005.

NUNES, C. *Pedagogia Hospitalar: a prática educativa aliada à assistência à saúde*. Qualis Sumaré-**Revista Acadêmica Eletrônica**, 2014. Disponível em: <http://revistaqualis.sumare.edu.br/index.php/revista/article/view/60/94>. Acesso em: 15 mar. 2022.

OLIVEIRA, É.; SILVA, V.; FANTACINI, R. *Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares*. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 1, p. 88-104, 2016.

OLIVEIRA, T. C. Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo. In: Congresso nacional de educação-EDUCERE, 11.; Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação-SIRSSE, 2.; Seminário internacional sobre profissionalização docente-SIPD/CÁTEDRA UNESCO, 2., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 27685-27697.

ORTIZ, L. C. M.; FREITAS, S. N. **Classe Hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIMENTA, S. (Org.). **Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 2012.

RIOS, L. **Pedagogia hospitalar: para além do complemento escolar**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Saúde na Fundação Oswaldo Cruz) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/22864/2/Livia_Rios_EPSJV_Mestrado_2017.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SOUZA, L. et al. *Pedagogia hospitalar: conceito e importância, frente aos direitos da criança hospitalizada*. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2018.

TEIXEIRA, M. J; PASSOS, M. C. C. Um pouco da teoria das situações didáticas (tsd) de Guy Brousseau. **Unicamp** – v. 21, n. 39 – jan/jun 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

TINÉE, C. **A atuação do pedagogo em classes hospitalares**. 2012. Disponível em: <http://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-incluisva-10.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

UNESP. **Tipos de revisão de literatura**, 2015. Biblioteca Prof Paulo de Carvalho Mattos, Faculdade de Ciências Agrônomas Unesp, Campus de Botucatu. Disponível

em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>>.
Acesso em: 25 set 2022.

VASCONCELOS, T. **Lições de pedologia e pedagogia experimental**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 2011.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.